

O COMMERCIO DE BARCELLOS

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

SEMÁRIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Editor responsavel:—MIGUEL JOSE FERREIRA

Typographia—R. Conselheiro José Luciano, 24.
Redacção e administração—R. D. Antonio Barroso, n.º 139.

Como se faz a historia!..

Sob a epigrapha «Curiosidades—Castigo imposto por D. João I.º á Villa de Barcellos», publicou ha dias o *Deus e Patria*, pouco depois reproduzido pela *União Nacional* de Braga, um pequeno artigo que, sobre não ser verdadeiro sob o ponto de vista historico, tem ainda o grave defeito de ferir em seus brios patrióticos os habitantes de uma das villas mais notaveis do paiz, cuja historia não tem, felizmente, uma só mancha que esombre sequer qualquer das suas paginas e muito menos que a deslustre ou envergonhe.

Como sinceros admiradores da verdade e lidimos barcelleuses que nos prezamos de ser, não nos soffre o animo ver assim maltratada a nossa terra, que não protestemos immediatamente contra affirmações que são não só monos exactas e, por isso, injustas, mas até algo de primiteiras e injuriasas.

Vamos, pois, dizer da nossa justiça, publicando umas ligêras considerações, que nos foram suggeridas pela leitura do referido artigo.

Começa o *Deus e Patria* por dizer que «entre os muitos privilégios, honras e isenções, que os reis de Portugal concederam á Villa de Guimarães (hoje cidade) se encontra uma provisão de El-Rei D. João I.º, em que manda, que os vereadores da Villa de Barcellos vão varrer a praça e os açougues de Guimarães todas as vesperas das festas da Camara daquela villa, que n'aquelle tempo eram novas».

Isto não é verdade. Tal provisão nunca existiu, e reptamos quem quer que seja a provar-nos o contrario.

Em primeiro lugar, ninguém viu ou leu essa provisão de D. João I.º; e dos muitos escriptores que, antes do apparecimento da *Corographia Portugueza*, em 1706, se occuparam de Barcellos ou de Guimarães, nenhum a ella se referiu.

Do archivo nacional da Torre do Tombo, onde sabemos ter sido muito procurada, também nada consta, nem mesmo qualquer ligeira referencia que nos auctorisasse a suspeitar da existencia provavel de tal documento; e outro tanto succede nos archivos das camaras de Guimarães e de Barcellos, onde não deixou o mais tenue vestigio da sua passagem.

Nada apparecendo n'estes archivos; nenhum escriptor coevo ou quasi coevo, alludindo ao acontecimento de Ceuta, na parte que diz respeito á bravura dos vimaranenses ou á supposta fraqueza dos de Barcellos, pôde-se afirmar, sem receio de desmentido, que tal documento nunca teve realidade.

O primeiro escriptor portuguez que a elle alludiu foi o bem conhecido P.º Carvalho da Costa (*vid. Corogr. Port., 1.ª edição, pag. 103 do 1.º vol.*), copiando textualmente, como em tudo quanto n'esta obra se refere a Guimarães, um velho manuscripto, intitulado *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, escripto em 1692 pelo vimaranense P.º Torquato Peixoto de Azevedo, e publicado no Porto em 1845.

Mas a verdade, é que o proprio

P.º Carvalho tão pouco convenciado estava da authenticidade d'essa provisão que, attribuindo primeiro a supposta servidão a um castigo imposto pelo desaire dos soldados barcelleuses em Ceuta, disse depois, a pag. 278 do mesmo volume, fallando da freguezia de St.ª Eugenia de Rio-Covo, que esta freguezia fôra «antigamente couto de Guimarães, e por castigo, e privilegios que tinham, erão os moradores obrigados a ir-lhe varrer as ruas; mas sendo muy prejudicial a Barcellos haver aqui este couto tam visinho, em que se recolhão seus criminosos, dondo saíam a rouballos, lhe derão em troca as duas freguezias de Cunha, e Rulhe com a mesma obrigação.»

Quer dizer: o auctor da *Corographia Portugueza* estava tão seguro do documento que citava, que poucas paginas volvidas o negou, com una impudencia bem digna de lastima, se este auctor merecesse, como historiador, algum conceito.

O caso é que a mentira ficou; e como da calumnia sempre resta alguma coisa, é hoje frequente vê-la estampada até em trabalhos litterarios de certo valor, e citada a pseudo-provisão de el-rei D. João I.º como se fosse authenticica e estivesse ahí muito á mão para ser consultada em qualquer dos archivos nacionaes.

E' que ha mentiras com o poder mysterioso de pouco a pouco se transformarem em verdades, adquirindo em breve tempo as honras de factos historicos bem comprovados. E o peor é que ficariam, tornando-se immortals, se a louvavel tenacidade de investigadores—erudadeiros benemeritos da historia, não puzesse a nú a verdade dos factos sobre que se amontoou a bruma dos tempos.

Pr seguindo, diz ainda o *Deus e Patria* ou, melhor, o P.º Carvalho, porque todo o artigo d'esto jornal é uma copia do que sobre o assumpto diz a *Corographia Portugueza*: «A causa porque D. João I.º lançou este tributo sobre a villa de Barcellos foi a seguinte:

Indo este rei a tomar a cidade de Ceuta, como tomou, a 21 d'agosto de 1415 (o P.º Carvalho diz erradamente 22 de agosto de 1414) repartiu as estancias da muralha pelos moradores das cidades e villas, que com elle foram, e o ajudaram n'esta empreza, para que cada um guardasse e defendesse a que se lhe entregava. Os mouros se refizeram; e tornando com grande força para recuperarem a cidade; que tinham perdido, a investiram com grande alarido á escala, de que desanimados os de Barcellos, fugiram e deixaram de todo livre a estancia, que se lhes tinha deixado para d'ella se encaregarem e a defenderem; o que visto pelos de Guimarães, se dividiram em dois troços, um com que foram occupar aquella, e outro com que defenderam a sua, e com tanto valor o fizeram, em uma e outra estancia, que só d'elles os inimigos se foram muy queixosos. Castigou el rei a fraqueza dos de Barcellos com lhes mandar que fossem varrer a praça e açougues aos de Guimarães, a quem gratificou com esta honra a sua valentia.»

Aquí não ha somente uma re-

ctificação historica a fazer: ha também uma falsidade a corrigir.

Se dermos credito ao que da conquista de Ceuta nos dizem os nossos mais apreciados chronistas, as coisas não se passaram precisamente como relata o P.º Carvalho da Costa. Ora oigamos a opinião auctorizada e insuspeitissima do malgrado escriptor Oliveira Martins, que assim descreve esse feito d'armas dos portuguezes, a pag. 51 e seguintes do seu famoso livro *Os Filhos de D. João I*: «O combate foi um momento. Enovelaram-se na praia com a chusma dos mouros que em vão pretendiam embargar lhes o passo; e d'essa primeira parte da acção apenas ficou a memoria de um nubo ou sudanez agigantado, cujo aspecto selvagem, beiços espessos, dentes caninos, olhos em sangue, assustavam os portuguezes. Combatia á pe lrada, e Vasco Martins de Albergaria varou-o com a lança, depois d'elle lhe ter feito ir pelos ares a visira. Mas, n'um impeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta de Almina, entrando por ella de roldão. Era o infante D. Henrique e a sua gente. A este tempo desambaravam D. Duarte, D. Pedro e o Condestavel, e o proprio rei vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada; só o castello resistia ainda, mas foi logo abandonado. Quando os veadores lá entraram, acharam-no vazio. O maior trabalho do dia consistiu em chacinhar mouros e saquear a cidade, vindo d'ahi o desprezo em que os nossos homens ficaram tendo esses inimigos, e a cruel desillusão, mais tarde, quando foi da tragedia de Tanger. Morreram ao todo oito christãos!..»

A mourama fugira chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, ouvia-se um côro de povo esondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos. Dir-se-hia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas fallavam, que geniam na tristeza da noite, e que eram lagrimas as folhas pendentes balouçadas pelo vento mansamente. No dia seguinte, quarta-feira, a mourama appareceu em volta da cidade. Nas encostas da serra, apilhavam-se aos grupos, namorando a sua doirada Ceuta, com olhos que faziam dô, e cantando uns cantares de palavras desoladas. Talvez o canto lhes accendes-se os animos, porque ainda houve algumas escaramuças sem consequencia.»

Por aquí se vê que o combate não teve a importancia que lhe dá o P.º Carvalho, antes se feriu e venceu n'um instante. Todo o trabalho dos portuguezes se reduziu a chacinhar mouros e a saquear a cidade, e tão pequena resistencia encontraram, tão pouco renhida foi a luta, que dos nossos, sendo ahí em numero de cincoenta mil, apenas morreram oito homens! ao passo que os mouros tiveram, diz-se, de cinco a dez mil baixas (*vid. F. Domingos Teixeira, Vida de D. Nuno Alvares Pereira, liv. IV, pag. 704*).

E' certo que no dia seguinte, ainda os mouros tentaram approximar-se das muralhas da sua querida Ceuta, mas não se refize-

ram, nem a investiram com grande furia e alaridos á escala, que de medo fizessem fugir os soldados barcelleuses ou outros quaesquer: o que houve foi apenas algumas escaramuças sem consequencia. Eis a rectificação que desejavamos fazer.

(Concluir-se-ha no proximo n.º)

Cartas d'aldeia

Valle de Tamel, 18 de Outubro

A festas das *tamanças* no domingo passado, em Quiraz, ainda logrou ser, este anno, a festa das *chinellas*.

Tivemos uma semana de tempo magnifico para a colheita do milho; é raro, muito raro, vêr-se ainda uma ou outra leira com milho a pé; está todo já debaixo da telha.

E bom foi assim; porque, se o tempo continuasse chuvoso, seria então—*sobre queda coice*. O milho é muito pouco, como lhes tenho dito, e como toda a gente sabe; mas, se não fôra este advento do verão de S. Martinho, assim tão precoce, seria uma lastima, uma grande fome de pão para nós todos.

Contentemo-nos com o que ha. Deus governa bem, e tudo o que faz, é sempre bem feito.

Se este anno nós tivéssemos uma fatura de milho, como houve o anno passado, alguns lavradores desanimariam na cultura d'este cereal, porque tinham de o vender a doze vintens ou a tres tostões; e a cultura do maiz não fica barata; que o diga, quem tem experimentado cultivar as suas terras de conta propria. Ainda se podia fazer isso no tempo em que o gado dava muito dinheiro; mas agora, que o gado está muito barato e com pouca procura, é melhor deixar as terras a brava, do que o cidadão se metter a cultural-as com creados e jornalheiros; este serviço só interessa aos lavradores, que tem gente sua, e que não tem outra profissão.

O vinho já vae tendo bastante procura para exportação. Já por aquí andaram agentes de uma casa do Porto e de outra de Vianna do Castello, sendo esta a que fez mais compras a 18:000 reis posto na estação de Tamel; e a do Porto comprou também pelo mesmo preço posto na estação de Barcellos; também consta que algum foi comprado a 16:000 reis; mas, pelo que me dizem, se elle fór á inspecção, ou fica *addiado* ou *isento do serviço* por ser muito sympathico.

Vae pelo preço porque a tenho: nem sei nada pelo ouvir, nem lhes quero nada por o dizer aqui.

—As oliveiras, por aqui, promettem uma colheita muito abundante de azeite; eu não me recordo de vêr as oliveiras tão cheias de fructo como n'este anno; a azeitona já entrou na sua epocha de maturação, e a colheita terá de fazer-se mais cedo, do que em outros annos. Bom é que assim seja; porque o azeite está muito caro, o que a todos faz grande differença moralmente á classe pobre.

Aquí no Minho tem havido um grande descuido na cultura da oliveira, ao contrario, tem-se-lhe feito uma guerra quasi de exterminio.

Pois, francamente, eu aconselho a todos os proprietarios que estão novos, e que se empenham em valorisar as legitimas de seus filhos, que prefiram a cultura da oliveira á da vinha, já que chegamos a sacrificar aquella para beneficiar esta; o que foi um grandissimo erro, como a experiencia o está demonstrando.

Mas explica-se isto facilmente: a vinha vem depressa, desenvolve-se rapidamente, e a oliveira leva muito tempo a produzir bem; e é isto, por que assim se diz: «Videira minha, oliveira de meu avô»; mas esta é um patrimonio certo de muitas gerações, que se succedem no mesmo casal; d'aqui uma grandissima vantagem.

—As nossas casas do pralamento estão dando *conceituosas* lições de rhetorica; discursos bem burilados, bem brunidos, de um brilho deslumbrante, e a reclamarem lugar na selecta para uso de uma aula de litteratura; mas as necessidades do paiz dispensam bem estas ostentacões e vaidades da phrase, querem obras, e não querem palavras bonitas, porque, afinal de contas, espremidos todos esses discursos, com que a opposição de todos os matizes nos tem deliado, resulta esta ideia—*sahe tu, para entrar eu!*

Ora muito obrigados ao seu favor: gritavam contra a vida velha, e pediam uma vida nova; chega esta, e eil-os outra vez com o—*sahe tu para entrar eu*—que era o verdadeiro credo velho da vida velha!

E' bem certo: *na casa onde não ha pão, todos ralham, e nenhum tem razão*; mas

ção, chama-nos meninos petuãtos e, depois, com ares de papá impertinente, fallia em puchos d'orelhas para nos ensinar... asneiras, por certo, pois não sabe outra coisa.

Muito obrigado, como dizia aquelle seu imitador ali no Circo do Campo da Feira e passemos adeante para não perder tempo.

Depois, sempre a rebolar n'aquella asinina deficiência que o persegue, quer ter laracha referindo pessoas que nem o veem e embica com um periodo que escrevemos e a que chama nomes feios.

E' parvinho a valer. Querem ver? Nós escrevemos a proposito do roubo á camara municipal:

E' preciso desenvolver mais actividade e rigor na repressão dos criminosos, que hoje mandam para o outro mundo, á bordoada, uma pobre velha e amanhã nos entrarão em casa para nos roubar o cobre, se não para nos esfaquearem.

Elle, commentando e precedendo este periodo, escreve, cada vez mais engraçada n'aquella sua estupenda sabedoria que somos uns palermas muito ridiculos. Irru que se nao fôra grosso seria magnifico este clown.

Mas que diacho achará este portento ao nosso pobre e inoffensivo periodo que é portuguezissimo e sem estocadas ultra-conicas?

Não toma caminho direito, já vemos.

Cambaleia sempre, perdido pelo vicio que o atasca na ignorancia mais atrevida.

Depois, a respeito do programma da festa escolar, atira-se a uma simplice e vulgarissima gralha typographica que tantas vezes a revisão deixa passar, como devia saber se fosse capaz de rever.

Até uma pobre troca d'um tempo d'um verbo, de resto facilissima de dar-se, lhe serve para murrar!... Oh! o que seria dos miseros que lhe cahissem nas unhas se isto chegasse a baixarel das medicinas?!

Baixarel, sim senhores, é como elle escreve. Ora queiram procurrar...

Finalmente, ainda e sempre desfructavel, diz que duvidamos do que disseera Christo Nosso Senhor aquella peccadora de que falla a Biblia.

Alto lá: o caso agora é mais serio. Não admittimos duvidas a respeito da nossa crença christã. Creemos em tudo o que dizem os sagrados textos.

O localista é que é suspeito: ha quem diga que ainda está á espera do Messias Salvador...

Por isso elle atirou a pedra...

Dr. Vieira Ramos

Inesperadamente chegou hontem a esta villa, vindo de Lisboa, este nosso querido amigo, illustre presidente da Camara e deputado da Nação.

Conselheiro Mgr. Demingos José de Sousa

O «Seculo» publicou hontem o retrato d'este prestimoso e respeitavel barcelloense, a quem, o intelligente correspondente d'esta villa para este jornal, dedica, na carta que acompanha a photographura, uma homenagem muito justa a que, com prazer, nos associamos.

Sen'imos que o espaço nos falte para a transcripção d'este escripto que encerra um preito devido ás elevadas qualidades d'este nosso illustre conterraneo, a cuja benemerencia devem valiosos serviços todas as nossas instituições de caridade.

Fallecimento

Na freguezia d'Airó falleceu na 4.ª feira ultima a sogra do nosso amigo e correligionario snr. Joaquim Nunes Barbosa. O funeral da extincta realiso-se na quinta-feira com muita concurrencia de pessoas d'aquella freguezia e d'outras.

Representando o nosso illustre chefe politico sr. dr. Vieira Ramos, assistiu ás homenagens funebres o nosso querido amigo sr. dr. Joaquim Paes de Villas Boas.

Aos doridos enviamos o nosso pe-zame.

Dia a dia

Fazem annos:

- Hoje—o sr. dr. Luiz Novaes.
Dia 24—o sr. Amaro de Castro e Antas.
Dia 25—o snr. Adelino Alves Maciel.
Dia 26—o sr.ª D. Marina Corina d'Antas da Costa Bastos.
Dia 27—o sr.ª D. Adelaide da

Conceição Costa e o sr. Secundino Pereira Esteves.

Sahiú ante-hontem para Lisboa o sr. dr. Pinto Ribeiro, digno delegado do Procurador Regio n'esta comarca, qui ali vai de visita a sua exm.ª esposa cujos padecimentos não tem minorado o que sentimos deveras.

—Regressou do Douro a nosso presadissimo amigo sr. Visconde de Fervença, illustre Provedor da Misericordia.

—Partiu com sua familia para Candeo o nosso estimavel amigo sr. Victorino Paes Moreira.

—Regressou de Villa do Conde a esta villa com sua familia o nosso presado amigo sr. Augusto T. de Mello.

—Tivemos o prazer de abraçar aqui, hontem, o nosso bom amigo rev. padre José Ferreira Martins Junior, digno abbade de Mosteiro, Villa do Conde, que já foi parvocho, muito zeloso, na freguezia de Airó d'este concelho e a quem por varias vezes doveu o nosso jornal brilhante collaboração.

—Tambem aqui vimos o nosso respeitavel amigo sr. Manoel Gomes da Silva Leal.

—Estiveram em Famalicão os nossos presadissimos amigos snr. dr. Antonio Ferraz e seu irmão o sr. Luiz Ferraz.

AUGUSTO DE CASTRO

GASPAR D'ABREU

Advogados

R. da Conceição, 107, 1.ª (esquina da R. Augusta)—LISBOA

COMMERCIO DE BARCELLOS

Assignaturas

Barcellos:—trimestre, 300 reis; semestre, 600 reis. Fóra de Barcellos:—paga adiantada—trimestre, 360 reis; semestre, 720. Brazil:—anno, 2:400.

Numero alvulso 30 reis. Redacção e Administração—R. D. Antonio Barroso—Barcellos.

Publicações

Anuncios: linha, 30 reis; repetição 20 reis. Comunicados: linha 40 rs. Os srs. assignantes teem o abatimento de 25 p. cº

ANNUNCIOS

Regimento d'inf.ª

n.º 3

3.º Batalhão

O conselho eventual do dito batalhão faz publico que, tendo sido approvado superiormente, o contracto provisorio de arrematação de generos para os ranchos do batalhão, qua se realiso no dia 1 do corrente mez, se abrirá nova praça no dia 31 do mez corrente, pelas 12 horas da manhã, para a arrematação dos mesmos generos em concurso publico e illimitado pelo tempo de um anno, desde 1 de dezembro até 30 de novembro de 1907.

Na secretaria do referido conselho serão dados os esclarecimentos

que os concorrentes desejarem e poderão estes examinar no caderno dos encargos as condições exigidas para o mesmo contracto. As propostas serão formuladas em harmonia com o modelo anexo ao caderno dos encargos apresentados pelos concorrentes ou seus legitimos procuradores, na secretaria do conselho até á hora annunciada para a arrematação, conjunctamente com a quantia de 20\$000 reis como caução provisoria e amostras dos generos, que propõem fornecer.

Depois de abertas as propostas terá logar licitação verbal entre os concorrentes dos mesmos generos.

Quartel em Barcellos. 16 de outubro de 1906.

O secretario do conselho, João Pereira Val, Tenente d'infanteria 3

Ourivesaria Carvalho

E' um bem sortido estabelecimento de objectos de ouro e prata, situado na rua Barjona de Freitas, em frente á praça municipal, aonde o publico encontrará, com o melhor bom gosto, preços muito modicos.

Compra-se ouro velho pelo preço mais alto.

Muita seriedade nas suas transacções.

Ourivesaria Carvalho.

Edital

O Visconde de Fervença, servindo de presidente da Camara Municipal de Barcellos etc.

Faz saber que, no dia 10 de novembro pelas 10 horas da manhã e na sala das sessões d'esta camara, terá logar o praceamento das arrematações seguintes:

- a) Contribuição indirecta municipal;
b) Custeamento do pessoal e material da iluminação publica da villa e zona urbana de Barcelinhos;
c) Abarracamento para a feira de Cruzes e romaria das Necessidades que hão de realiser-se no proximo anno de 1907;
d) Aluguer das mezas do peixe da praça do

Aguas Mineræes de Eirôgo BARCELLOS

Abriu o estabelecimento thermal d'estas excepcionaes aguas AZOTADAS e SULFUROSAS sem rivaes na cura de mui as doencas da pelle e reumatismo, do apparelho respiratorio e dos orgãos da digestão, quando usadas em banhos d'immersão e douches ou internamente.

Ha banheiras de cimento, de azulejo e de marmore. Igualmente abriu o hotel annexo, com magnificos quartos e restaurante, illuminados a acetylene.

CAIXA POSTAL para correspondencia diaria dos srs. banhistas.

Mercearia muito bom sortida, aonde se encontram á venda magnificos rinhos verdes e maduros.

Para mais esclarecimentos pedir informacões ao proprietario

Chrysogono Correia—BARCELLOS



Pharmacia e Drogaria Paes Moreira & Vieira Ramos

Pharmaceuticos

Rua Barjona de Freitas.—Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeirs—Aguas minerales—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completo sortido de tintas, oleos, alvaiados, vernizes, pincois etc. etc.—Modicidade nos preços.—Pulverisadores dos melhores auctores.



Companhia de Seguros "Fraternidade,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 200:000\$000 reis

Setimo anno de bonus aos srs. segurados

Esta companhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agencias em todas as localidades da provincia do Minho.

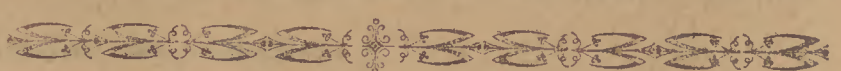
Sede em Braga.

Agente em Barcellos

Eduardo Hlydio Vieira Ramos

(Commerciante de fazendas de lã e algodão—R. D. Antonio Barroso

N'este estabelecimento encontra-se um variado sortido de casimiras, cheviote, flanelas, baetas, cotins, panos crus, moirins, riscados, cobertores, etc. etc.



mercado D. Pedro Quinto;

e) Aluguer das barracas d'esta praça;

f) Alimpas das estradas do municipio—por cantões; e

g) Materias facaes do matadouro, sentinas da cadeia e praça D. Pedro Quinto.

As condições respectivas acham-se patentes n'esta secretaria.

Barcellos e Paços do Concelho, 20 de outubro de 1906.

E eu, João José de Abreu do Couto de Amorim Novaes, secretario, o subscrevi.

Visconde de Fervença

ESPINGARDA

Vende-se uma de cano trochado, fogo lateral.

Para tratar na Padaria Alves, do Campo de D. Carlos d'esta villa.

Nova agencia de negocios ecclesiasticos

Sob a direcção de

Germano da Silva

Solicitador official da Camra Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas.

Typ. do «Commercio de Barcellos»

TYPOGRAPHIA BARCELLENSE

O maior deposito de impressos no Norte de Portugal

Para: confrarias, juntas de parochia, notarios, escrivães de direito, delegados, militares, etc.—Machinas para picar e cortar papel, imprimir cartões, obras de luxo, e todo o trabalho que diga respeito á arte.

PROPRIETARIO: AUGUSTO SOUCASAUX

Esta casa fornece impressos de todas as qualidades para as principaes comarcas do Norte.

Rua D. Antonio Barroso — BARCELLOS

(Antiga Rua Direita)

A MODA ILLUSTRADA

80 reis no acto da entrega

100 reis no acto da entrega

Directora: -- D. Leonor Maldonado

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Por contracto feito em Paris, sairá todas as segundas-feiras a «Moda Illustrada» contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, *toilettes*, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para crianças. Moldes cortados, tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma *Revista da Moda*, onde todas as semanas indicará ás suas leitoras, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. *Correspondencia*: secção destinada a responder a todas as assignantes que se dirijam á MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse appropriado. *Artigos diversos* sobre assumptos de interesse feminino. *Receitas* necessarias a todas as familias, etc. etc. A *secção litteraria* constará de romances, contos, historias, poesias, etc. A «Moda Illustrada» fica sendo o *melhor e mais barato* jornal de modas que se publica em Paris na lingua portugueza e pela clareza, utilidade e variedade dos seus artigos torna-se indispensavel em todas as casas de familia.

A «Moda Illustrada» publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

Cada numero da «Moda Illustrada» é acompanhado d'um numero do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovaes para criança, tapeçarias, *crochet*, ponto de agulha, obras de phantasia, rendas, passamanaria etc., etc. Encontra-se na «Moda Illustrada» a traducção em portuguez d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand—JOSÉ BASTOS—Lisboa, 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da Misericordia
de Barcellos
Edificio do Hospital

Director—Avelino Ayres Duarte, pharmaceutico de 1.^a classe pela Universidade de Coimbra

Esmerado sortimento de todos os artigos que guardam uma boa pharmacia.
Agencia de seguros.

Almanach Illustrado

Já se encontra á venda este almanach do jornal pedagogico «Educação Nacional»—2.^o anno da sua publicação.

Custo, franco de porte, 120 rs.

Vende-se na Livraria Figueirinhas

PORTO

Pulverisadores

Sulfato

Enxofre

Na antiga casa MARQUES, rua D. Antonio Barroso, antiga rua Direita, alem de ferragens, tintas, vidros, carvão, ferro e arame para ramadas, vendem-se **pulverisadores** nacionaes e estrangeiros de todos os auctores, bambus e tubo de borracha para sulfatar, **sulfato** de cobre, **enxofre** em pó e pedra, e outros artigos tudo de primeira qualidade, e preços sem competencia.

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

(SUCCESSOR)